

“O BRASIL NÃO É PARA PRINCIPIANTES”: MAS O BRASIL É.

*Sílvia Munari*¹

Muita gente se animou com as ocupações de secundaristas que tomaram as escolas de São Paulo no já longínquo 2015.

A Esquerda, em particular essa com “e” maiúsculo, pareceu animada porque as ocupações colocavam o governo do PSDB em uma sinuca de bico. Ou seja, sindicatos, partidos e agremiações tentaram colocar-se nessa luta como fazem há tempos. O termo aparelhamento, por exemplo, continua plenamente atual (cronológica e conceitualmente). A única escola ocupada que visitamos, no interior do estado de São Paulo, estava cercada por estes grupos: barracas, bandeiras, panfletos, megafones e todo o *kit* costumeiro do aparelhamento.

Mas todo este aparato não tinha nada a ver com o que acontecia (como fato e como conceito) dentro da escola. A escola era, agora, uma casa. Uma grande casa ocupada contra a Casa Grande. Mais: ali os adultos eram figurantes, e uma potência em estado bruto circulava. O que aqueles corpos faziam como política dentro daquela ocupação não passava sequer por nosso vocabulário e, das muitas tentativas de prosa que tentamos empreender, apenas uma vingou: o menino disse que “tava suave” dormindo na escola; e que tinha escolhido dormir “na frente da sala da diretora”; e, já que ele era mandado para a sala da diretora todos os dias, nada mais justo que “dormir lá de noite também”.

Naquela única vez, e naquela única ocupação, não havia uma língua pressuposta para nos comunicarmos. E mais importante: os tantos livros, artigos, palestras que trazem à tona a importância de “dar voz aos estudantes”, de tê-los como “protagonistas no processo de aprendizagem” (e outros clichês que podem ser encontrados com facilidade), enfim, tudo isso pode ser substituído por uma expressão da moçada: “zeramos a escola”. Sem conscientização, sem convencimento, sem politização. Voluntarismo e involuntarismo? Penso que não serve. Realizaram o sonho da esquerda educacional. Sem ela.

O que nos pareceu mais interessante nisso tudo é que essa moçada, assim como aquela moçada dos rolezinhos, colocou em xeque isso a que chamam, na esquerda, de “politizar”. Corpos juntos para fazer algo em espaços que não foram construídos para este

¹ Pedagogo. Trabalha na intersecção entre educação, cultura e assistência social, atuando junto com organizações não-governamentais, movimentos sociais e prefeituras municipais. Integra a Rede Universidade Nômade.

fazer. Esse deslocamento fez com que não apenas os poderes constituídos reagissem e procurassem articular inúmeras frentes para se reapropriar dos espaços. A Esquerda também tentou. E, uma vez mais, caducou, assim como já havia caducado em 2013.

Por isso é que as ocupações de escolas e os rolezinhos nos shoppings permitem que a gente faça uma leitura às avessas do que acontece por aqui. Ao invés de retomar o velho “o Brasil não é para principiantes”, essa moçada nos ajuda a fazer uma outra coisa: afirmar que “o Brasil é para principiantes”.

A frase clássica, dita e repetida à exaustão, tenta nos alertar sobre os perigos de fazer política por aqui. Mas qual seria este Brasil que “não é para principiantes”? O *Brasil Maior*². A moçada das ocupações e dos “rolezinhos” nos abre caminho para pensar que há vários outros brasis e que esses *brasis menores* são, sim, para principiantes. Não há ingenuidade aqui, mas inocência. E “devemos retornar ao início, devemos retornar à inocência”, essa “estranheza radical” (BERARDI, 1997, p. 25).

O mais difícil aqui talvez seja abandonar as coordenadas velhas que nos orientam nesse Brasil Maior. Esse Brasil da Unificação. Que permitiu a regulação eterna da política instituída pela fusão entre empreiteiras e partidos políticos. Que permitiu que um governo que representava alguns segmentos de esquerda fosse considerado um governo de esquerda. Enfim, abandonar esses mapas que permitem que a esquerda leia as novidades apenas a partir das representações e das velhas coordenadas.

Orientando-se por estas representações e clichês, essa Esquerda do *Brasil Maior* criminalizou Junho de 2013; não compreendeu os “rolezinhos” como um modo outro de estar na vida, outro modo de vida e de política da vida; apoiou as ocupações dos secundaristas apenas porque eram contra o governo do PSDB; e, repetição sem diferença, fez com que ela visse nos protestos de matiz verde e amarela tão somente uma invasão das ruas por fascistas desavergonhados. Lendo a potência somente do ponto de vista do poder, como se este fizesse concessões àquela, foi incapaz de cartografar o que havia de potente em cada um desses movimentos.

Seria possível criar outros possíveis?

O pedagogo francês Fernand Deligny (1913-1996) criou um modo completamente único de lidar com as crianças autistas. Se as crianças não falam, por que

² A inspiração aqui é o artigo do professor Giuseppe Cocco “Não existe amor no Brasil Maior”, publicado no *Le Monde Diplomatique* – Brasil, em 01 de Junho de 2013, que faz uma *vidência* do que expressaria o Junho de 2013 – vidência, aqui, no sentido deleuziano de apreensão do intolerável. Disponível em: <http://diplomatique.org.br/nao-existe-amor-no-brasil-maior/>. Acesso em: 31/03/2017.

vamos falar sobre elas? Não falaram. Deligny e “sua equipe” (as *peças próximas* que não eram técnicas em autismo, mas simplesmente pessoas que se aproximavam e viviam junto a esse *bando*) passaram a fazer mapas para conseguir ver aquilo que, estando lá, não podia ser visto.

Para nós, seria prático apreender, tão somente, as informações mínimas sobre isso que Deligny e seus bandos faziam³.

Os mapas buscavam dar conta de transcrever aquilo que estava colocado, de forma precisa, no dia a dia da rede em que os bandos circulavam. Transcreviam as linhas costumeiras. Mas havia também os traçados, em papel vegetal, das linhas das crianças. Estranhas aos adultos, estas eram as linhas de erro, linhas erráticas, linhas de errância. E havia, por fim, os pontos de emaranhamento, em que as linhas se encontravam e onde diferenças se produziam. Mapas e linhas de errância iam sendo sobrepostos e podia-se ver o que antes não era percebido.

Como age a Esquerda *Brasil Maior*? Desengaveta seus mapas, suas representações, e tenta encontrar lá as semelhanças. Tem carro de som? Tem bandeira do partido? Tem ícone, santo, mártir? Tem palavras de ordem em defesa de político apreciado pela esquerda (pouco importa se ele é de esquerda)? Não tem isso? “Coxinha”. “Sete a um”. “Fascista”. “Cadê as painéis?”. Multiplicam-se os clichês. Um tipo de esquerda que se replica a si mesma, como os Agentes Smiths de Matrix⁴.

E com que força isso poderia falar com os grupos que fazem a chamada “formação política” (um fetiche tão grande quanto o “trabalho de base”)! São anos repetindo a mesma fórmula: reúne-se um grupo de militantes em um lugar afastado – muitas vezes, não por acaso, conventos – para realizar “análises de conjuntura”, “traçar as teses”, “encaminhar as tarefas” e “formar a militância”, já que “a revolução não será televisada”. E então, quando as ruas são tomadas, esses grupos sequer conseguem ocupá-las. Limitam-se a condenar aquilo que não *reconhecem*.

Obviamente, não estamos dizendo aqui que a esquerda precisa aprender a fazer “rolezinhos” e a fazer ocupações de secundaristas. Para não deixar dúvidas: não se trata de fazer um curso de formação ensinando a fazer “rolezinho” ou ocupação de secundaristas. Também não se trata de fazer trabalho de base com potenciais rolezeiros

³ Ver também o modo como Deleuze e Guattari pensam com Deligny em *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1996. Vol. 3. (especificamente página 77)

⁴ Na primeira parte da trilogia *Matrix*, os Agentes Smith operam como um grande clichê ambulante. Olhamos para um e para outro e não há qualquer diferença. Invocá-los como referência aqui torna necessário pensar porque a esquerda não consegue produzir diferença, mas reproduzir clichês.

ou ocupantes. Pode ser que essas formas jamais se repitam. Significar essas forças em formas é o que de pior se pode fazer.

Mais do que repetir o rolezinho ou a ocupação, é preciso deixar que *as ocupações deem um rolezinho* em nossas categorias, em nossas certezas, em nossas referências. Sem que esses deslocamentos aconteçam, a Esquerda Maior vai continuar olhando para as ruas e procurar somente aquilo que ela já conhece. Isso é ingenuidade. Outras forças – chamem-nas do que quiserem – tem sido capazes de captar as diferenças que são produzidas pela inocência radical desses brasis menores.

Essa insistência em ser Grande, Hegemônico, Majoritário, tem precipitado uma outra medida que, vinda das ruas, tende a complicar tudo: “vai ficar pequeno”. Ou, quem sabe, já ficou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERARDI, Franco Bifo. *Dell'innocenza*. 1977: l'anno dela premonizione. Verona: Ombre corte edizioni, 1997.

COCCO, Giuseppe. *Não existe amor no Brasil Maior*. In: Le Monde Diplomatique. 01 Jun 2013. Disponível em: <http://diplomatique.org.br/nao-existe-amor-no-brasil-maior/>. Acesso em: 31/03/2017.

DELIGNY, Fernand. *Œuvres*. Paris: Éditions de l'Arachnéen, 2007.

The Matrix (Matrix), Direção e roteiro: Andy Wachowski e Larry Wachowski, produção Joel Silver, Warner Bros. EUA, 1999.

